

Bioenergética e biossíntese

Histórias clínicas mundo afora

Liane Zink



BIOENERGÉTICA E BIOSSÍNTESE

Histórias clínicas mundo afora

Copyright © 2025 by Liane Zink

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Projeto editorial e textos: **Marleine Cohen**

Revisão técnica: **Maya Hantower**

Revisão: **Michelle Campos**

Projeto gráfico: **Paula Ruscio**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Foto de capa: **Naveen Chellaiah**

Imagens: **Freepik/DepositPhotos/Istock/Vecteezy**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio — <i>Rubens Kignel</i>	9
Apresentação — <i>Carlos Briganti</i>	13
Prólogo	21
I — Passaporte para o mundo	23
Minha viagem pela terapia corporal	24
Sempre em movimento	34
A cigarra e a formiga	40
Liberdade e autoconhecimento	46
No Japão, a delicadeza dos vínculos	54
Rússia, um hino à pátria	70
Na Ucrânia, o elo que se perdeu	84
Israel: o deserto arado	96
Alemanha, um ato de resiliência	110
Portugal, tão triste quanto um fado	132
Espanha, reino da ousadia	146
Argentina, tango e vanguarda intelectual	160
II — Fundamentos do trabalho clínico	173
Como tudo começou	175
Evolução do conceito de sexualidade	181
O universo do bebê	186
A teoria das estruturas de caráter	191
Lowen: méritos e limitações	194
Um passo adiante, à luz das ideias de Boadella	199
De Lowen a Boadella: uma abordagem atual	203
III — Como eu faço?	207
Diversidade cultural e caracterologia	208

A compreensão do foco no processo terapêutico	211
Sonho, corpo e desejo	216
Como podemos trabalhar sonhos?	219
Transferência e contratransferência	220
A importância da leitura corporal	224
Uma bússola para orientar a história de um corpo	228
A composição de uma paisagem de si.	231
Música como ferramenta de trabalho	234
Algumas propostas de exercícios	238
Meus companheiros de viagem.	246
Posfácio.	269
Glossário	275
Referências	279

Prefácio

“ Liane sempre se apresentou como uma terapeuta clínica, e é disso que trata este livro. Mas não falamos aqui de uma clínica tradicional, onde o terapeuta aguarda seus pacientes no consultório, numa cidade de sua escolha: nada contra, mas é importante diferenciar. Liane trabalha com indivíduos, grupos de terapia e grupos de formação.

A partir de Wilhelm Reich, o campo social passou a ter uma importância fundamental na psicoterapia corporal. Liane soube levar sua clínica e suas aulas até outras culturas, ao redor do Brasil e do mundo, desbravando novos mares e novos ares. Isso só é possível com conhecimento do ser humano, do corpo objetivo comum a todos e do corpo subjetivo com suas características ligadas a cada sociedade. Nisso ela se tornou uma especialista, como veremos ao longo do texto do livro.

Nossa história começa um pouco depois do meu regresso de Londres, onde tive uma formação de cinco anos em Psicologia, no segundo semestre de 1980. Vim direto para São Paulo, minha cidade natal. Aqui chegando, imediatamente comecei a procurar contatos na área de psicologia reichiana, para poder desenvolver meu trabalho.

Um dos meus contatos era a psicoterapeuta e professora Anna Veronica Mautner, que comandava um curso de Psicologia Reichiana no Sedes Sapientiae e tinha sua clínica particular, onde atendia pacientes e grupos de supervisão.

Entre as profissionais que tinham supervisão com Anna Veronica estava Liane, que eu ainda não conhecia.

Acabei conhecendo-a de maneira curiosa. Anna Veronica me disse, um dia, que conhecia uma psicoterapeuta que era um “fenômeno”, um foguete cheio de energia.

Encaminhou-me a Liane, para que eu tentasse “ajudá-la a encontrar uma autorregulação através da massagem biodinâmica” (palavras da Anna), e lhe proporcionasse uma experiência psicoterapêutica nova.

Assim, recebi a Liane em meu consultório para algumas poucas sessões, durante as quais foi possível analisar questões importantes. Depois de interrompermos o processo, ficamos próximos por conta dos grupos de supervisão da Anna Veronica e amigos.

Já naquela época, Liane era de fato um “fenômeno”: interessava-se pelas mais variadas abordagens em psicoterapia corporal e psicanálise e trabalhava muito. Foi crescendo e nos aprimoramos juntos, com muito trabalho pela frente.

Acabamos participando do mesmo grupo de formação em psicoterapia biossintese, o primeiro do Brasil, criado pelo psicoterapeuta e pedagogo inglês David Boadella, que eu já conhecia bastante bem por causa da minha formação em Londres.

Foram cinco anos de formação juntos. Ali desenvolvemos uma amizade profunda e vários projetos, entre os quais criar uma escola de formação em São Paulo. Assim fizemos, estimulados pela energia da Liane, que empurrava todos para a frente.

A “mulher alada” começou a tomar forma através de seus voos em terra, pois, curiosamente, naquela época ela tinha muito medo de viajar de avião.

Uma vez, viajamos a trabalho para a Europa. Entramos no avião, nos sentamos e percebi que a Liane estava tensa — mas não um pouco tensa. O avião levantou voo e durante todo o trajeto ela se contraía e tremia na poltrona. Eu lhe dei a mão, ela a apertou com força, o avião decolou,

mas ela não largou a minha mão. Depois que a aeronave ganhou voo de cruzeiro, ela relaxou um pouco, mas o medo persistia.

Em determinado momento da viagem, eu a convidei para dar um passeio pela aeronave, e assim fomos caminhando. Ela foi relaxando e aprendendo a conhecer um avião e ter uma certa confiança no piloto e na aeronave. Relaxou.

Depois daquele voo, ela não parou mais. Foi em frente: a jato, o mundo se abriu como um leque e Liane foi ocupando os espaços como professora, psicoterapeuta e aluna. Realizamos muitos trabalhos juntos, no Brasil, na Argentina e em vários outros países. Ela descobriu que era bom viajar com alguém ao lado e levou muitos alunos para participarem de seus trabalhos no exterior.

Depois de muitos anos, como é natural, cada um de nós fez suas próprias escolhas e foi trilhar seu caminho.

Penso que era importante situar essa introdução numa história verdadeira, pois o que Liane retrata neste livro é o curso da sua carreira, desde o início, uma fase da qual me orgulho de ter participado.

Ela vai dissecando suas aventuras no campo da psicoterapia corporal e compartilhando suas experiências pessoais em cada país por onde passou. Algumas vezes, eu me enxerguei ao lado dela durante o relato em alguns países, congressos ou eventos.

Mais que isso, Liane evoca detalhadamente sua vivência íntima no seio de diversas culturas, sem se furtar diante das dificuldades, dos desafios do sucesso e das derrotas.

Pessoalmente, sei quanto é difícil para um brasileiro se aventurar como professor no estrangeiro. Liane fez isso com maestria e apresenta essa história também com

maestria: tudo isso é muito bem-vindo no nosso campo profissional, para que sirva de inspiração a outras pessoas.

Liane se tornou uma liderança ativa no movimento das psicoterapias corporais, uma pioneira. Este livro é lançado em boa hora, contempla a carreira da autora e valida em ressonância vários colegas que a acompanharam nesse percurso: quanto a mim, me sinto orgulhoso de ser um deles.

Sem dúvida, esta é uma leitura indispensável tanto aos psicoterapeutas jovens como aos experientes.

Sempre em frente, sem negar o passado, seguimos voando juntos na imensidão do universo. Bom divertimento e aprendizado a todos. ””

Rubens Kignel

Professor, psicoterapeuta, palestrante e pesquisador

Apresentação

“ Escrever sobre Liane Zink, além de ser um prazer, é responsabilidade que aflige memórias decanas juntas. O convite que fez para essa edição de sua vida carrega uma mistura de afetos. Por onde começar essa pequena introdução?

As lembranças têm o privilégio de recordar Mnemósine, a deusa da Memória.

Trabalhávamos em nossos consultórios em São Paulo e fundamos uma instituição de ensino, Ágora, a praça habitada por todos aqueles que desejavam viajar em nossos conhecimentos e dúvidas.

O Ágora criou raízes aéreas, não se fixou em um único local. Regina Favre, nossa companheira de jornada, e nós dois construímos Ágoras em inúmeros estados e cidades brasileiras.

Não mais sonhávamos.

Havíamos gerado um espaço democrático do conhecimento. Privilegiávamos as dúvidas. Distantes da ortodoxia, os debates nunca cessaram.

Liane sempre empunhou a bandeira da saudável transgressão. Não se acomodava em nenhum instante, viajava e sonhava, criava espaços nunca ousados.

Liane e eu iniciamos uma aventura sem bússola. Ela, que naqueles momentos morava em Munique, me convidou para participar de um *workshop* na Alemanha, com um grupo de imigrantes espanhóis que estariam em dificuldades adaptativas.

Embarcamos nas asas da Lufthansa. Não sabíamos que essa espaçonave seria nosso Uber nos vinte anos que se seguiriam.

Estacionamos em Paris. E lá encontramos nossa querida amiga Olinda Fertoni e seu namorado francês, o gentil e incomparável Mallo. Desfrutamos momentos de alegria, descobertas e amizades. Mallo, velho parisiense jovem, nos mostrou uma boêmia parisiense que Woody Allen décadas após ressuscitaria.

Estávamos em acordes iniciais. Desbravamos um continente desconhecido, mal sabíamos o que nos aguardava, invadimos ousadamente um território de erudição e cultura. Afinal, éramos jovens latino-americanos orgulhosos. Fomos adentrando um espaço privilegiado, reconhecemos uma trajetória distante da turística.

Liane, energética antes de tudo, encaminhou nosso início de caminhada em direção ao Louvre.

E quando subimos as escadarias do Museu, aconteceu um momento de transpiração e de emoção. Nos deparamos com Vitória de Samotrácia.

A escultura da mensageira de Zeus, aquela que anunciava as vitórias das batalhas, voava com suas asas, sem cabeça. Liane viveu seu momento sem espaço e tempo.

Atemporal, ela se identificou com a força daquela deusa, porta-voz divina dando primazia ao corpo alado.

Esse acontecimento previa a jornada de Liane. E a transformaria na reconhecida terapeuta corporal internacional.

Vitória representava o destino de Liane. Aquela magnífica obra de arte, esculpida em mármore, lhe indicava seu destino profissional. Vitória continuaria nas asas de Liane, enviando mensagens vitoriosas.

Essa estátua decepada rolou sua cabeça em direção ao corpo. O corpo pensante. O corpo mnêmico. O corpo de vida. Corpo histórico. Corpo erótico. As asas incorporadas anunciavam outro movimento profundo em Liane: seu

caminho de alma, a busca de uma dimensão maior que o próprio corpo.

Ousada, ela procurava compreender o incompreensível. Mergulhou nas meditações em busca, na espiritualidade em percurso, na quarta dimensão em ausência.

Liane se constituía numa obra de pensar o corpo e voar em direção ao desconhecido.

Fomos para Munique, onde outra amiga nos aguardava, Mara Hermann, que nos amparou em nosso desvirgamento terapêutico germânico.

Óbvio que os espanhóis não apareceram e óbvio que fizemos o nosso primeiro *workshop* em território alemão com um grupo de professores, residentes e psicólogos alemães.

E demos início à criação, sob a maestria freudo-reichiana, de nova sinfonia.

Sim, Liane e eu tivemos a mesma paternidade e maternidade terapêutica. Acasos necessários. Os primeiros pais na constituição de nosso Sujeito. Os imortais Emilio Rodrigué e Martha Berlim geraram uma possibilidade de vida. Não há gratidão possível de ser paga a esses notáveis astronautas do conhecimento, humanidade, saber, ética e trabalho.

Emilio e Martha nos guiaram em direção ao máximo conhecimento possível de nós mesmos. Foram, além de guias, tutores de uma possibilidade de vida saudável e alegre.

Em nossos trabalhos em múltiplos e diferentes grupos de pacientes, alunos, transformávamo-nos em dançarinos cegos, não havia necessidade de olhar. Liane, em sua volúpia intuitiva, regia com a força dos não inocentes. E eu respondia ao iniciado.

E assim bailamos, fazíamos do trabalho uma alegria que se transformaria em tratamentos em busca da saúde.

Sempre privilegiamos o potencial humano do outro, qualquer outro.

Misturávamos nossas qualidades, virtudes e defeitos e nascia a dupla argonáutica. Talvez, nada mais que talvez, uma cópia destinada dos pais. Por que não?

Liane se destacava em sua performance, era primeiro violino notável.

Samotrácia, alegre em sua escolha. E sob a inquietude *lianesca*, abriram-se portas por toda uma Europa possível.

Os países iam acontecendo com normalidade, além de espantosa, arquitetada em trabalho e ética.

Esse movimento era regido em inglês. O coração tupiniquim nunca esquecido. Orgulhosos de nossas raízes, respeitando raízes alheias. E desse encontro radicular brotou um rizoma sem início ou fim, sem chefia ou submissão; eram gramados infindos de conhecimento, trabalho e curas acontecidas sem medidas.

Os grupos de alunos, pacientes, iam se multiplicando. E, de repente, não havia mais uma pedra no caminho. Liane demoliu incômodos, invejas.

Liane não perdia tempo com palavras vazias. Era dedicada aos extremos cuidados dos alunos e pacientes.

Esse trabalho de Liane dá frutos até hoje. Sua memória afetiva, do conhecimento, que participa com outros, dá frutos imortais. Os alunos, pacientes e amigos de diferentes culturas, religiões, construía essa territorialidade.

Falávamos pelos cotovelos e silenciávamos em não raros sofrimentos e dores, depois não mais que de repente alegria e amor e trabalho ressurgiam sem mágoas. Nunca houve ressentimentos entre nós.

Assim foi acontecendo com alemães, checos, russos, italianos, suíços...

As indicações aconteciam e as asas batiam forte em direção ao desconhecido.

Liane envolvia o trabalho em organicidade neorreichiana, em percepção de uma biossíntese abraçada, enlaçadas em particular aspiração ao divino.

Liane questionava, debatia, exigia, ensinava, tratava, e nós remávamos.

Sob essa incandescente jornada, nos comportamos como a natureza. Às vezes, harmonia de céu de brigadeiro, outros tsunamis, outras calmarias escaldantes, outras chuvas infindas.

Atravessamos as florestas de Drácula, jantamos na ponte de uma Praga ainda habitada por invasores russos, atravessamos uma Alemanha Oriental de torres em metralhadora e arames farpados, Munique virou cidade natal, cantamos “Sole Mio” em Nápoles, ouvimos os gritos dos centuriões nas noites romanas, Bratislava acontecia em Mozart, o primeiro show de rock em Brno, a queda do muro em Berlim, a Viena de Freud...

Isso mesclado com uma quantidade de grupos de trabalhos contínuos e constantes.

Organizamos os *workshops* e criamos Ágora Tedesco. Ágora Zentrum. Os alunos surgiam de recantos escondidos ou não da notável envelhecida Europa.

Já não éramos mais duas crianças deslumbradas. Éramos reconhecidos como professores e terapeutas.

Corríamos a Zurique para recebermos sessões com David Boadella.

Corríamos para jantar ao lado do Coliseu com o notável terapeuta Francesco Dragotto e o grupo de italianos maravilhosos que ensinavam, cantavam e dançavam.

Infundas recordações...

Afinal, vinte anos de trabalho conjunto privilegiado.

Como apresentar a guerreira, terapeuta, defensora das mulheres, líder de movimentos que justificam a existência?

Enquanto escrevo, saltito de um canto para outro, acompanhando as pegadas emaranhadas e marcadas de luta, suor, cansaço, estudo e dedicação infinita.

Como escrever esse saltitar ininterrupto de batalhas e vidas? Como escrever Liane no hospital psiquiátrico de Praga?

Como escrever sobre as cartas trocadas entre a paciente internada suicida que redigia cartas em checo e Liane respondia em português?

Tudo isso acompanhado pela sinfônica de Koln.

Naquele espaço musical tivemos o privilégio de desfrutar de raros momentos de espaços celestiais. Era o instante de relaxamento de uma grande parte da vida de Liane lutando pelo desenvolvimento do ser humano. Independentemente de sexo, gênero, raça, cor, credo, nacionalidade.

Liane apátrida, inserida no exemplar movimento de produzir saúde. Liane que vi e convivi — encarnação da Vitória de Samotrácia.

O privilégio de desfrutar por duas décadas dessa aventura humana, demasiadamente humana, aspergida em científica, pedagógica, terapêutica, loucuras, segredos trocados, dores suportadas... Impossível retratar Liane em uma apresentação.

Redijo, emocionado, as frases que brotam da emoção vivida.

Mulher desbravadora, sem medo do encontro, desmedida sem preconceitos, professora sem cansaço, terapeuta sem limite de humanidade.

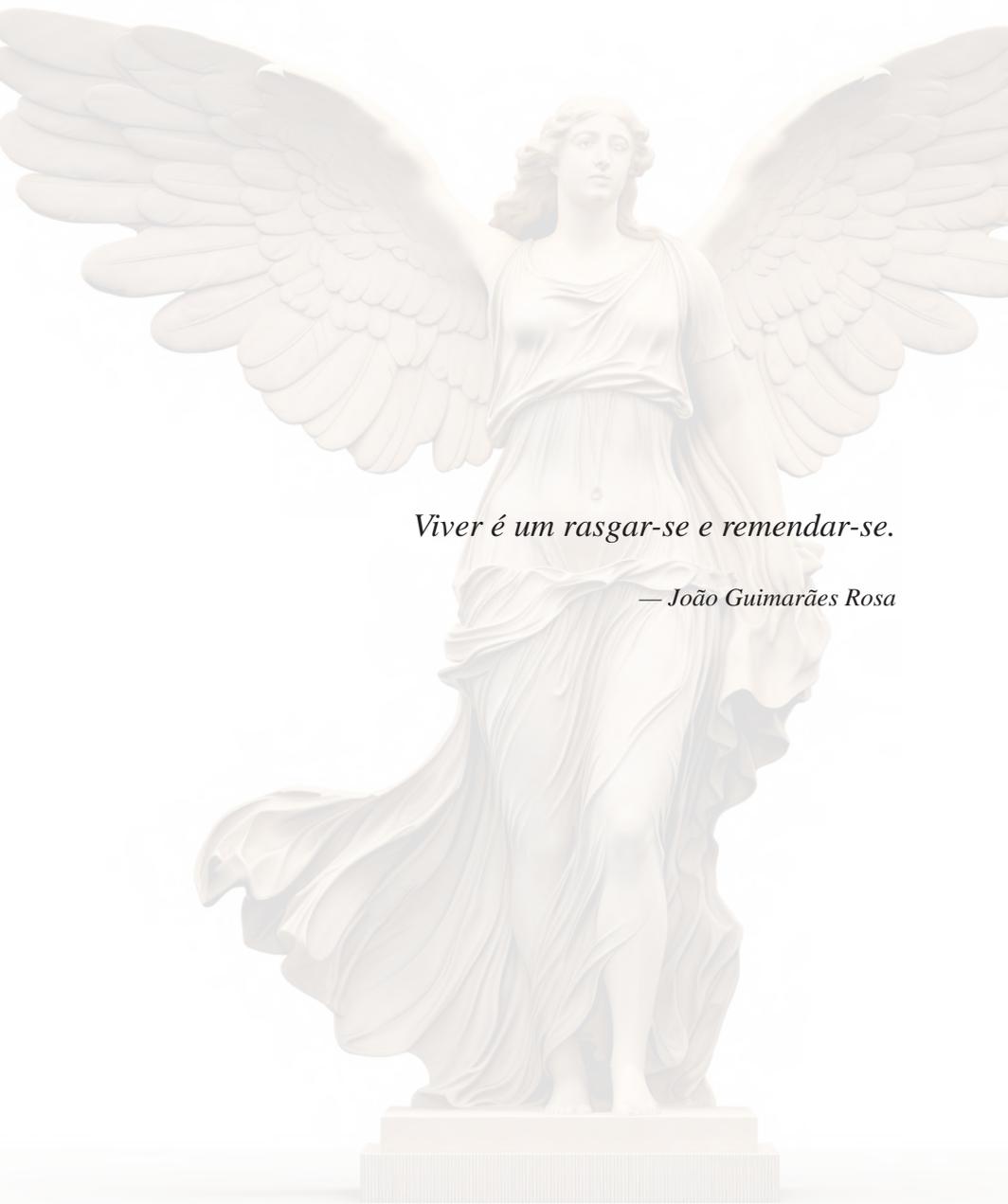
O prazer sempre foi o fim projetado por Liane. Nunca lançou âncora sobre mágoas ou desafetos.

Tê-la como parceira foi mais que uma honra caminhar um caminho não articulado, surgido desde a contradança elegante que ela propiciou à existência.

Lika, *bacio nel cuore.* ””

Carlos Briganti

Neuropsicólogo e especialista em
psicoterapia corporal reichiana



Viver é um rasgar-se e remendar-se.

— João Guimarães Rosa

Prólogo

Anos atrás, em visita ao Museu do Louvre, em Paris, deparei com uma imagem que me marcou profundamente: a estátua da Vitória de Samotrácia, escultura em pedra calcária que representa a deusa grega Nice.

Fiquei fascinada diante da sua beleza, da sensualidade de suas pernas e, principalmente, de suas asas abertas. “Essa mulher é meu ideal de ego”, pensei. Uma mulher alada, que escolhe voar por entre as experiências que a vida lhe proporciona, correndo riscos, mas fazendo de cada momento uma peculiar e intensa aprendizagem.

Em minhas andanças, tive encontros inquietantes com pessoas que me questionaram e me fizeram rever valores e crenças. Cabe a mim, agora, honrá-las e agradecer pelo que se abriu em minha vida. São elas: Emilio Rodriqué, Martha Berlin, The-da Basso, Dalmiro Bustos, Alexander Lowen, David Boadella, Valéria Pert, entre outros. No Brasil, vivi uma época de muito aprendizado e companheirismo por ocasião da introdução da psicoterapia corporal em nosso país, e agradeço a Regina Favre, Carlos Briganti e André Gaiarsa, amigos do Ágora; Esther Frankel, Rubens Kignel e José Alberto Cotta, amigos da biosíntese; Odila Weigand, Edson França, Sueli Freitas, Fátima Teixeira, Léia Cardenuto, Maria Ercília Rielli, Rebeca Berger, Anna Maria Pavesi e outros amigos da bioenergética. E, em especial, a Mila Freitas, por seu companheirismo desde sempre.

Todos eles me deram suporte e acreditaram no meu voo. Soltamos a cabeça, respiramos fundo e fizemos juntos a mais bela das viagens.

Liane Zink

A watercolor illustration of three hot air balloons floating in a light blue sky. The balloons are rendered in soft, painterly colors: one with vertical stripes of pink, yellow, and white; another with horizontal bands of green, yellow, and pink; and a third, partially visible on the left, with shades of pink, yellow, and green. The overall style is gentle and dreamlike.

*A verdadeira viagem de descobrimento
não consiste em procurar novas paisagens,
e sim em ter novos olhos.*

— Marcel Proust

*1 — Passaporte
para o mundo*

*Minha viagem pela
terapia corporal*

Se me pedissem para pontuar minha trajetória profissional com os acontecimentos mais importantes que vivi, eu certamente destacaria a mudança do Paraná, onde nasci, para o Rio, de lá para São Paulo, depois para a Bahia e, por fim, para a Alemanha, antes de regressar a São Paulo.

Esses saltos geográficos representaram o *grounding*¹ da minha carreira: não esqueço lugares como Natal (RN) e Recife (PE), por onde também passei e deixei algumas sementes, mas quis o destino que entre São Paulo, Rio e Salvador eu estivesse no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas.

Estávamos em 1975: naquele momento, a psicoterapia corporal ainda era desconhecida no Brasil. Não tínhamos livros, nem conhecimento, nem experiência acumulada.

Muito distantes dos Trópicos, as ideias do analista austro-húngaro Wilhelm Reich (1897-1957) não repercutiam além de um grupo de pioneiros que haviam vislumbrado nas suas propostas um sopro de reformulação conceitual, o intuito de aliar teoria e prática e um compromisso com a intervenção social e a contracultura.

Profissionais interessados na especialização tinham de beber, o tempo todo, de fontes distantes — Estados Unidos, Europa — e lá encontrar professores aptos a difundir os estudos reichianos e os alicerces da psicoterapia corporal. Aos poucos, esses pioneiros — Regina Favre, Rubens Kignel, Esther Frankel, Pedro Prado e tantos outros, entre os quais eu também me incluo — conseguiram fazer que o psicodrama rompesse as rígidas cercas erguidas pela psicanálise.

O exercício da Gestalt-terapia, do psicodrama e das terapias neorreichianas supunha então um determinado estilo e certas posturas. Partilhávamos os ideais da contracultura que marcaram aqueles anos — em especial o “Movimento